



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

VIOLÊNCIA: MAL-ESTAR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Tânia Rocha Andrade Cunha*
(UESB)

RESUMO

Este artigo trata-se de uma reflexão sobre a violência, especialmente a doméstica. Partindo de uma visão psicanalítica, buscamos relacionar a violência, esse mal estar da civilização, com a violência que os homens praticam contra suas mulheres no âmbito das relações de intimidade. Agravada pelo crescimento da população, a violência do dia a dia mostra que a vida humana está perdendo o valor. O individualismo reinante na sociedade contemporânea parece destruir os laços sociais, transformar a impessoalidade em indiferença e cercar os laços afetivos de desconfiança e medo, constatações obtidas a partir do resultado de pesquisas que temos desenvolvido junto ao Museu Pedagógico – UESB, com mulheres que sofreram ou sofrem violência na relação conjugal. Para a coleta de dados, privilegiamos a técnica qualitativa da entrevista semiestruturada.

PALAVRAS CHAVE: Violência, Mal estar, Sociedade contemporânea.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno que se manifesta em todas as sociedades. Por mais que recuemos no tempo encontramos vestígios da manifestação da violência em suas várias faces. Conforme Dadoun (1998, p.101), “crimes, massacres,

* Doutora em Ciências Sociais, Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Gênero e Violência” do Museu Pedagógico – UESB. E-mail: rochandrade@uol.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

genocídios, assim como angústias e terrores sem fim – nada do que há de pior na violência é estranho ao homem”.

A violência está tão entranhada em nosso dia a dia que, pensar e se comportar em função do que ela representa, deixou de ser algo circunstancial, para se transformar numa forma de ver e de viver do homem, especialmente daquele que vive nos grandes centros, onde ela vem alcançando altos índices e assumindo formas alarmantes de requinte e crueldade.

Na opinião de Hobsbawm (1995, p.22), o século XX foi o “mais assassino de que temos registro”, tanto na escala, frequência e extensão da guerra que o preencheu, quanto pelo volume único das catástrofes humanas que produziu: as maiores fomes da história e o genocídio sistemático. Em contraposição, ele diz que uma das lições deste século é o fato de que os seres humanos aprenderam que podem “viver nas condições mais brutalizadas e teoricamente intoleráveis...”.

A violência é um tema que tem sido amplamente discutido nos últimos anos, fato que nos remete a uma tradição humanista que questiona a agressividade social de todas as maneiras, em nome de algo mais relevante – o humano, ou ainda em nome do “outro”.

Qualquer que seja a forma ou intensidade, a violência é um fenômeno onipresente, pois suas marcas estão em todas as culturas e sociedades: nos bairros sofisticados e nas favelas, nos bairros de classe média e nos cortiços, nos campos de futebol, nas ruas e até mesmo nos espaços domésticos. Como diz Odalia (1986, p.10), “ela se estende do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar ironicamente de uma democracia na violência”.

Assim, diante desse cenário vivenciado pela sociedade contemporânea, especialmente a brasileira, a nossa intenção é refletir sobre as causas e consequências da violência, especialmente a doméstica, na tentativa de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

compreender melhor este fenômeno que tanto inquieta a humanidade e hoje, mais do que nunca, levanta a questão: qual seria então, a nossa saída para reencontrar segurança no nosso direito de ir e vir?

Para compreendemos as razões que contribuíram para que a violência alcançasse dimensões tão alarmantes, resgatamos algumas idéias desenvolvidas por Freud desde a primeira metade do século XX.

Em Totem e Tabu, escrito em 1914, ele afirma que a sociedade nasceu de um crime do qual a humanidade não se libertará jamais: o assassinato do pai da horda primitiva, cometido pelos filhos em conjunto, ao qual se segue a guerra civil entre os irmãos da mesma horda. Esse primeiro crime significou a introdução de muitos assassinatos na sociedade, o que parece evidenciar uma condição normal da existência humana em sociedade.

Entre as descobertas de Freud, destaca-se este primeiro conflito humano, pois é sobre ele que se funda a cultura, condição que exprime uma crise dramática na qual as duas formas mais aberrantes de crime se inscrevem: o incesto e o parricídio, cujo resultado é o sentimento de culpa. Como afirma Koltai (1999, p.3): “freudianamente falando, a humanidade nasce de um assassinato e o crime é fundador, logo, não há como a violência não estar no âmago do humano, cada um de nós carregando em si o germe da guerra civil”.

Ao buscar compreender a relação do sujeito com o mundo, Freud, desde 1930, afirmou que o indivíduo não pode ser estudado sem levar em consideração o contexto em que está inserido. Ele jamais aceitou reduzir a psicanálise ao desenvolvimento normal e patológico do indivíduo, deixando que outras ciências se ocupassem com o coletivo, ao contrário, sempre tratou de articular singular e coletivo.

Para Freud a distinção entre individual e coletivo se dá em torno da realidade psíquica que ele apreende através do conceito de inconsciente, que,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

embora diga respeito a cada um dos humanos, a cada vez, é uma consequência singular em relação ao outro (WEIL, 1997).

Em o Mal-Estar na Civilização, 1930, Freud afirma que o homem primevo descobriu que dependia de si mesmo, do seu trabalho, melhorar a sua sorte na terra. Nesse momento ele teve consciência de que não poderia ser indiferente a outro homem, pois este poderia trabalhar com ele ou contra ele, reconhecendo assim, a importância da convivência com o “outro”.

Como a família havia se formado anteriormente à essa época, devido a uma necessidade de satisfação genital, provavelmente os seus membros foram os primeiros auxiliares que o homem teve no trabalho. Ao formar uma família, o macho, segundo Freud, adquiriu uma razão para manter a fêmea ao seu lado, ou seus objetos sexuais. A fêmea por sua vez, não querendo separar-se dos filhos indefesos, viu-se obrigada a permanecer com o macho, “mais forte”.

A vida em comum para os seres humanos teve um duplo fundamento: “a compulsão para o trabalho” - fundada na necessidade externa e o “poder do amor” que levou o homem a privar-se do seu objeto sexual, a mulher, e esta dos seus filhos. Dessa forma, para Freud (1997, p.55), “o primeiro resultado da civilização foi que muitas pessoas poderiam viver em comunidade”, e, contando com a cooperação desses dois fundamentos, poderia se esperar que o desenvolvimento da civilização ocorresse sem obstáculos. Diante disso ele afirmou: “é difícil compreender como essa civilização pode agir sobre seus participantes de outro modo senão o de torná-los felizes”.

Para Freud, esse empreendimento para a felicidade apresenta dois objetivos: por um lado visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer, por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer, o que quer dizer que o maior objetivo do homem é a busca do princípio do prazer. Princípio esse que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde a infância.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Entretanto, essa intenção do homem não pode ser realizada uma vez que as normas do universo contrariam suas vontades: “O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica” (Freud, 1997, p.24).

De acordo com Freud, a obtenção da felicidade depende de nossa própria constituição e ela acontece em situações determinadas. Já a infelicidade é muito mais fácil de ser experimentada. O sofrimento pode nos alcançar a partir de três fontes: do nosso próprio corpo; do mundo externo; e do nosso relacionamento com os outros. Nesta última direção está a mais dolorosa forma de sofrimento.

Freud chama atenção que os homens, em nome de evitar o sofrimento acaba por abrir mão ou deixar em segundo plano a luta pelo princípio do prazer. Já que não pode ser feliz o tempo todo, o homem precisa buscar satisfação fugindo e evitando o sofrimento e a dor.

Uma das formas de evitar o sofrimento proveniente das relações entre os homens está no isolamento voluntário do convívio com outras pessoas. Muitas pessoas fazem esta opção, buscando a felicidade através da quietude. Outras, porém, preferem evitar o sofrimento buscando métodos mais interessantes como aqueles que agem diretamente sobre o próprio organismo. Neste caso, muitas pessoas fazem uso de substâncias químicas, que, em contato com o sangue provocam sensações de prazer, fazendo com que as alterações da sensibilidade as tornem “insusceptíveis” aos impulsos desagradáveis.

A capacidade dessas substâncias para evitar o sofrimento é tão grandemente apreciada que, “tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido”. Freud considerava que a cocaína poderia ser útil como estimulante e afrodisíaco no tratamento da depressão, do alcoolismo, da dependência da morfina e da asma. Contudo, nem todos os efeitos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

provocados pelas drogas são positivos, é comum ocorrer agressividade, irritabilidade, inquietação, dificuldade para tomar decisões, entre outros.

Além destes efeitos, podem ocorrer mudanças na personalidade dos usuários, principalmente daqueles que fazem uso diário dessas substâncias, como ocorria com ex-marido de Cleide (44 anos), que, ao fazer uso de drogas se transformava num homem altamente agressivo, como ela mesma relata: “As agressões físicas eram frequentes. Ele usava droga na rua e já chegava em casa fazendo confusão. Por qualquer coisa que eu falasse, ele vinha em cima de mim, me batia, me empurrava, me chutava...”

O nosso aparelho mental acolhe ainda, outras influências, como aquela que nos permite libertar de parte dos sofrimentos, agindo sobre os impulsos instintivos, ou seja, procurando dominar as fontes internas das nossas necessidades. Outra técnica indicada por Freud para afastar o sofrimento pode ser encontrada no “emprego dos deslocamentos da libido”, que consiste em uma reorientação dos objetivos instintivos, tendo em vista o esclarecimento da frustração do mundo externo. Essa técnica conta com a sublimação dos instintos.

Quando se alcança esse estágio, o destino, nada ou quase nada pode fazer contra nós. Contudo, embora este método seja eficaz na luta para evitar o sofrimento, ele não atinge a todas as pessoas e mesmo para estas poucas pessoas ele não é impenetrável às investidas do destino e falha principalmente quando o sofrimento atinge o próprio corpo da pessoa.

Os acontecimentos do final do segundo milênio e do início deste novo século parecem confirmar a visão de Freud sobre a condição humana. O que constatamos neste momento é que o fenômeno da violência parece rondar sobre nós. Ela está por toda parte, a sua presença na vida “moderna” ganhou uma dimensão alarmante. Agravada pelo crescimento da população, a violência do dia a dia



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mostra que a vida humana tem pouco valor. Pobres ou ricas, todas as nações convivem com altos índices de criminalidade em alguma fase de sua história.

O que torna o Brasil especial nesse aspecto, é que o crime se transformou por aqui em uma epidemia. Em 1980, ocorria um assassinato a cada 53 minutos. Em 1990, o índice alcançou uma morte a cada 21 minutos. No início da década de 2000, ocorria um assassinato a cada 13 minutos (SECCO, 2000, p.135). O Relatório do Mapa da Violência de 2006 registrou que 15.228 brasileiros entre 15 e 24 anos morreram em 2004, vítimas de arma de fogo.

Atualmente, de acordo com Waiselfisz (2010), autor do Mapa da Violência 2010, a situação do Brasil permaneceu praticamente inalterada no espaço de dez anos. Em 1997 a taxa de homicídios era de 25,4 em cada 100 mil habitantes e em 2007, a taxa registrada foi de 25,2 homicídios. Esses dados caracterizam um fenômeno que teve início na virada do século: a interiorização da violência, isto é, o seu deslocamento das capitais e regiões metropolitanas para as cidades do interior. Se em 1997, as taxas de homicídio no interior eram de 13,5, em 2007, elas chegaram a 18,5 para cada 100 mil habitantes.

Neste mundo altamente globalizado pelas telecomunicações e antenas parabólicas, convivemos com a violência, querendo ou não. A imprensa joga um importante papel na divulgação da violência. Seu caráter instantâneo e permanente na maioria dos lares faz com que as pessoas recebam, a todo instante, notícias de seqüestro, de crianças abandonadas e trucidadas nas ruas desprotegidas, de adolescentes drogados e presos pelo tráfico, de raptos de bebês, de assaltos, de crimes políticos e corrupção dos representantes do povo no poder, de violência doméstica contra mulheres, entre outros.

De acordo com dados do Mapa da Violência 2010, veiculados pelo Telejornal Bom Dia Brasil - Rede Globo do dia 22 de junho de 2011, no Brasil ocorrem 137

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

homicídios por dia, destes, 10 mulheres são assassinadas por crimes passionais, a maioria das quais após terem passado pelo menos duas vezes por uma delegacia.

A violência tem sido tão explorada pelos meios de comunicação, tão exibida sem questionamentos e tão banalizada, que as pessoas, perplexas, passaram a conviver com ela como se fosse uma coisa natural e, portanto, imutável. Diante desse cenário, os habitantes das grandes cidades, inseguros em seus direitos de ir e vir com tranquilidade vem mudando radicalmente seus hábitos e comportamentos em função do medo e da desconfiança em relação ao “outro”.

Analisando as diferentes circunstâncias sociais em que ocorre a violência, Amoretti (1995) destaca dois grupos de situações: um grupo onde a violência é logo percebida, no qual há uma identificação do sujeito que praticou a violência e do sujeito-objeto violentado, bem como das conseqüências desse ato. Neste tipo de violência ocorre o que este autor chama de horror:

O horror da carne dilacerada, do corpo mutilado, da víscera rompida, da fratura, do sangue e da morte. É o horror da invasão corporal e da destruição do ser. Da perda de algo valioso, da dor e do sofrimento. Esse horror é o maior dos medos, o medo da morte e não só isso: o medo da morte violenta, violência entre as violências (AMORETTI,1992, p.41-42).

Nesse grupo podemos identificar a violência doméstica perpetrada pelos maridos contra suas mulheres no ambiente familiar. Essa forma de violência consiste no abuso físico projetado no espaço das relações de intimidade, entre pessoas que integram ou integravam a mesma unidade de convivência, como foi o caso de Luíza, (38 anos), “Eu apanhei muitas vezes, tomava tapa até na cara, e por cima de tudo fui

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

violentada pelo meu próprio marido. Ele me forçou a ter relação e dessa relação, resultou uma gravidez”.

Para Saffioti (1997), o caráter sagrado de que se reveste a família e o incontestável poder do homem sobre a mulher e os filhos, dificultam as vítimas de denunciarem a violência doméstica que se pratica em quase todas as sociedades.

O segundo grupo definido por Amoretti se caracteriza pela falta de algo que indique de imediato a presença de violência, nele, não é visível o sujeito da violência, nem se constata o ato violento de forma clara e direta. Nesse grupo estão representados: a miséria dos favelados e despossuídos, as crianças abandonadas e desnutridas, o analfabetismo, o desemprego, a prostituição, os baixos salários, a falta de moradia, descaso com a saúde, dentre outros. Nesse grupo, encontramos ainda a violência psicológica que muitas mulheres enfrentam em seus relacionamentos conjugais.

Definida como toda ação ou omissão destinada a produzir sofrimento moral em alguém, a violência psicológica ocorre lentamente e é de difícil reconhecimento na medida em que não deixa marcas visíveis no corpo da vítima. No entanto, os danos psicológicos causados por essa forma de violência são irreparáveis, como podemos observar no depoimento de Maria Luiza (63 anos, 2^o Grau), “Com o casamento eu adquiri uma fobia que se manifestou alguns anos mais tarde, através de muitos medos. Foi preciso um tratamento para curá-la. Eu tinha medo de ficar sozinha, tinha medo de me olhar no espelho...”

Nem todos os homens utilizam a violência física para castigar suas mulheres, valendo-se de outros meios, como destruir maquiagem, cortar roupas, queimar livros e até prendê-las em casa, como forma de amedrontá-las e mantê-las sob seu controle, a exemplo do relato de Marta (49 anos), “O meu marido era agressivo, muitas vezes chegava em casa e me achava maquiada, ele então, pegava os batons e todas as outras coisas, quebrava tudo, rasgava minhas roupas, cortava

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de tesoura, por que eram curtas.” Indiscutivelmente, estes atos agredem a identidade das mulheres, bem como provocam a instabilidade mental das mesmas.

De acordo com Koltai (s.d, p.14), as mudanças enfrentadas em nosso tempo parecem levar a uma degradação dos laços sociais. O indivíduo se encontra meio perdido, ele vive em um constante estágio de insegurança e medo em relação ao futuro. Todos os sonhos que até pouco tempo atrás poderiam se caracterizar por meio da luta, hoje em dia não passam de lembranças e medo de que o seu espaço possa ser ocupado por outros. O seu companheiro de luta, aquele que estava ao seu lado na frente de batalha, tornou-se para ele um “estrangeiro”, que pode, como diz Koltai (s.d:6), “estar impedindo sua felicidade, roubando-lhe algo que, no fundo, nunca lhe pertenceu”.

No mundo atual, as pessoas crescem com poucas alternativas psicológicas para reagir à violência mas tornam-se aptas para reproduzir as mazelas desse mundo, que funciona como uma verdadeira fábrica de violência, na qual são produzidos psicopatas, assaltantes, estupradores, assassinos ou oportunistas de todas as espécies, que são vítimas, “mas também pessoas “normais” nas quais, a honestidade e integridade aparentes mascaram uma violência oculta e inconsciente” (AMORETTI, 1995, p.43).

Para ilustrar este tipo de personalidade, temos, entre tantos outros, o exemplo do carrasco nazista Karl Adolf Eichmman, fiel colaborador do Holocausto que, sendo considerada uma pessoa normal, fez sua escolha em servir e obedecer cegamente às ordens de Hitler para extermínio dos judeus em campos de concentração nazista.

Eichmann, conscientemente, fez sua escolha, ele viu e ouviu o que significava o objetivo daqueles que ele tanto admirava e devia obediência. Ele era o tipo de criminoso que não se arrependia dos seus atos, o que importava era o cumprimento das ordens. Mesmo ao ser julgado pelos crimes que cometeu,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

permaneceu cego e não mudou seu pensamento. De acordo com Freud, tudo aquilo que apela para a crença, mantém a pessoa na infantilidade e a impede de pensar.

Segundo Hanna Arendt (1999, p.166), o principal elemento em que Eichmann se envolvera, “não foi o fanatismo, mas a sua genuína, ilimitada e imoderada admiração por Hitler”. Ela não o via como um carrasco cruel e desumano, mas como um carreirista interessado em produzir estatísticas de eficiência que impressionassem sua chefia. “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terríveis e assustadoramente normais”.

Eichmann era uma incapaz de pensar e de se colocar no lugar do ‘outro’. Não só ele, como muitos entre nós, não tem a capacidade de ver e estar com o outro. É o que acontece com os homens que violentam as mulheres que eles elegeram “por amor” como suas companheiras.

No individualismo que reina na contemporaneidade, a impessoalidade transformou-se em indiferença e os laços afetivos da intimidade foram cercados de medo, reserva e desejo de autoproteção, como ilustra o relato de Cecília (62 anos), que sofreu violência por muitos anos:

Eu sentia tanto medo dele que nem respondia quando ele começava a reclamar e a brigar. Eu só fazia chorar, era um poço de lágrimas [...]. Medo, medo... e hoje, eu sofro de distúrbio do pânico e tomo remédio.

Do mesmo modo, Costa, em matéria do Jornal Folha de São Paulo, 22/09/1996, opina sobre o comportamento dos homens no mundo atual:

Entre quatro paredes ou no anonimato das ruas, o semelhante não é mais o próximo-solidário; é o inimigo que traz intranqüilidade, dor ou sofrimento. Conhecer alguém; aproximar-se de alguém; relacionar-se intimamente com alguém passou a ser uma tarefa

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cansativa. Tudo é motivo de conflito, desconfiança, incerteza e perplexidade. Ninguém satisfaz a ninguém. Na praça ou na casa vivemos – quando vivemos! – uma felicidade de meio expediente, em que reina a impressão de que perdemos a vida em colherinhas de café.

As conseqüências desse desastre são evidentes: “O outro tornou-se o inferno... No cotidiano todos tornaram-se um estorvo para todos”. Imagine qual não seria a indignação de Freud ao constatar a dimensão tomada pela violência praticada entre os seres humanos na contemporaneidade!

Tempos atrás, bem ou mal, respondíamos às crises de identidade com a utopia de encontrar outras formas de vida melhor. Nos dois últimos séculos, a crença no futuro estava fundamentada no progresso, hoje, porém, são os medos, medo do desemprego, medo das drogas, medo de epidemias ou da violência que se alastra entre os homens, que justificam a falta de esperança num futuro melhor.

Neste início de século, a fim de minimizar o sofrimento e o mal-estar, ao invés de utopias, estamos recorrendo a soluções individuais e de acordo com as nossas possibilidades, dentre as quais estão algumas alternativas: mudar para cidades menores; isolar-se em condomínios fechados e shoppings centers; recorrer a manuais de autoajuda e terapias diversas para a minoria privilegiada que têm dinheiro. O banditismo, a mendicância ou o fanatismo religioso são algumas alternativas para a maioria, que apenas sobrevive.

Como lembra Amoretti (1995), a violência gera violência. Os privilégios oferecidos a um determinado segmento da sociedade semeiam a discórdia, o menosprezo, a separação, a diferença, o que contribui para o aumento da violência.

Propaga-se a ausência da lei e da autoridade, e a sociedade, ao se sentir órfã de autoridade, torna-se narcisista e sem ideais a construir. Neste momento, a violência passa a ser, então, a impossibilidade de se poder sonhar. Vivendo neste



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

contexto social, a tendência do homem é a desmobilização para lutar pela sua utopia, e a não realização destes sonhos é a própria negação da vida, da sua realização enquanto ser humano.

Mas, concordando com a afirmação de Foucault, nossa história é de resistência. Felizmente a sociedade civil está sempre lutando para defender os seus direitos e para combater esse mal que, se não encontrar entraves ao seu crescimento, poderá devastar a sociedade humana.

REFERÊNCIAS

- AMORETTI, Rogério (Org.). **Psicanálise e Violência**: metapsicologia, clínica, cultura. Petrópolis, Rio de Janeiro: 1992.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.
- _____. **Da Violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- COSTA, Jurandir Freire. A Devoração da Esperança do Próximo. **Folha de São Paulo**, 22/09/1996.
- DADOUN, Roger. **A Violência**: ensaio a cerca do “homo violens. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 17 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago Editora: 1999.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX -1914/1991. Trad. Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOLTAI, Caterina, **Atualidades do Mal Estar**, mimeo, s/d.
- ODALIA, Nilo. **O Que é Violência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O Estatuto Teórico da Violência de Gênero**, mimeo, 1997.
- SECCO, Alexandre, Socorro: um assassinato a cada treze minutos. In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano33 - nº 23, Junho de 2000.
- WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência 2010**: Anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.